

## DEMOCRACIA INERCIAL NO BRASIL: A PERSISTÊNCIA DE UMA MEDIOCRIDADE POLÍTICA

*Por Patrícia Luízar Espinoza*

Após um longo período governado pela ditadura, o Brasil finalmente retoma os rumos da democracia a partir do seu processo de redemocratização, que se deu por volta dos anos 70 e 80. Para alguns, isso decorre, principalmente, da própria ação dos militares e, em menor escala, da sociedade, por meio da luta e dos protestos. Por outro lado, Pereira (1989) afirmou que a sociedade civil foi a peça-chave para a consolidação desse processo. Ele ainda discorda dos analistas os quais consideram que a transição não ocorreu de maneira efetiva devido às primeiras eleições, desde o fim da ditadura, não terem sido diretas. Segundo ele, isso tem menor importância perante as outras conquistas que tivemos como a nova Constituição, a liberdade de imprensa e a independência do judiciário. Vale ressaltar que a democracia não necessariamente implica em um crescimento econômico ou uma melhor distribuição de renda no país, pois tais devem ser as finalidades de uma sociedade e podem ser encontradas em outros regimes; ou seja, esses são fatores fundamentais em uma democracia, mas nem toda democracia os possui.

A desconsolidação democrática é um conceito que surgiu recentemente a fim de analisar o andamento da democracia em determinado lugar. Para muitos, uma democracia consolidada é aquela capaz de fazer frente a toda e qualquer provocação contra a sua existência. Contudo, segundo Baquero (2001), ao observarmos o caso atual do Brasil, vemos que, apesar da democracia se perpetuar, suas instituições estão deixando de consolidar-se para seguir o viés da iniciativa econômica e privada. O resultado disso são “eleições que elegem candidatos mas não os legitimam” (BAQUERO, 2001 apud SCHMITTER, 1994). Assim, a responsabilidade de não representar politicamente de forma correta a sociedade é atribuída principalmente aos partidos políticos. Conseqüentemente, surge um paradoxo uma vez que o brasileiro considera a democracia como sendo a melhor forma de governo apesar de desconfiar constantemente da política, o que propicia o aparecimento de uma democracia inercial.

Acreditar nas instituições é um fator muito importante para a consolidação de uma democracia, visto que, na ausência delas, a sociedade corre o risco de se submeter a regimes autoritários ou viciosos. As instituições no Brasil, por sua vez, foram se constituindo ao longo do tempo, baseadas na desigualdade social como um resquício do período da escravidão.

Enquanto isso, o sistema político brasileiro se formou sob a intervenção estatal e a condenação de ideias comunistas, tornando-se palco de diversos golpes de Estado que cessaram apenas com a ditadura militar, na qual pouco havia restado da democracia. A partir da redemocratização, o governo militar perde força, abrindo espaço para a ascensão de movimentos como as “Diretas Já”, que desejava aprovar a emenda Constitucional que permitiria eleições diretas para a presidência da República. Como mais um atraso à democracia, a emenda infelizmente foi rejeitada e a população somente teve esse direito garantido em 1989.

Assim, como já foi dito, a desigualdade social, aliada a uma fraca democracia, corroborou com a insegurança dos brasileiros a respeito das instituições do país de modo que nem as políticas sociais adotadas pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) foram suficientes para melhorar a situação (BAQUERO, 2018). Nesse sentido, forma-se uma democracia inercial; isto é, quando as instituições são incapazes de responder à demanda da população por políticas de Estado, principalmente de cunho social. Isso revela uma cultura política híbrida, decorrente de uma assimetria entre o desenvolvimento econômico e o político-social.

Dessa forma, é importante pontuar que uma democracia inercial se caracteriza por ser competitiva no mercado internacional, resistente às imposições da política hegemônica, carente de valores democráticos, possuidora de uma forte “memória simbólica” que se mostra saudosa do passado, praticante de políticas contra ideias democráticas, por institucionalizar relações entre o Estado e o cidadão em detrimento dos partidos políticos e gerar instituições que estimulam a desigualdade político-sócio-econômica (BAQUERO, 2015). À vista disso, surgem sociedades tomadas por vícios como o clientelismo, paternalismo, privatismo, corrupção e patrimonialismo, experiências as quais já foram vivenciadas pelo Brasil e/ou ainda são.

O fato é que há muito tempo a democracia no Brasil vem se mostrando corrompida. Durante o governo do PT o país assistiu a uma série de escândalos de corrupção que aumentaram ainda mais a depreciação política por parte da população, levando-a às ruas a fim de reivindicar por mudanças (TELLES, 2015). Em um cenário marcado por uma piora na economia durante o segundo governo da presidente Dilma Rousseff, a baixa confiança em todos os partidos políticos tradicionais e descrédito nas instituições conduziu ao surgimento de outras alternativas políticas com propostas ousadas e reformistas. Assim, diante de uma democracia inercial, surge uma indagação: o que leva a maioria dos brasileiros a continuar defendendo a democracia?

Com a posse do atual presidente da República, Jair Bolsonaro, por um lado as expectativas de uma parcela da população eram de entrar em um governo autoritário, por discordarem das ideias e métodos oferecidos. Por outro lado, esperava-se que fossem realizadas reformas profundas e necessárias para a melhora dos cenários financeiro, trabalhista e social, assim como da imagem das instituições. Após um ano de governo Bolsonaro, uma recente pesquisa Datafolha revelou que houve uma queda de sete pontos percentuais em relação às pessoas que inicialmente apoiavam (69%) a democracia como melhor forma de governo; contudo, ao mesmo tempo, houve um aumento da parcela da população (de 42 para 49%) que não acredita ser possível a instauração de uma nova ditadura (DEUTSCHE WELLE,

2020). Perante o dilema da escolha entre a manutenção de um sistema de governo democrático ou a sua troca por um governo ditatorial, o futuro da continuidade democrática se mostra incerto quanto mais inoperantes as instituições tomadas pelos vícios forem e quanto menor for apoio da população.

A vitória de Bolsonaro na última eleição demonstra o anseio do povo por uma nova política: reformadora com a excomunhão de vícios. Dois importantes fatores para o seu sucesso são os fatos de que ele não pertence a tradicional elite política e de que ele promove um programa que defende ideais e valores conservadores, os quais geraram a identificação e apoio maioritário dos brasileiros (OLIVETTO, 2018). Na contramão, assistia-se à prisão do ex-presidente Lula da Silva, do PT, acusado de corrupção e lavagem de dinheiro, além de outros que juntos compactuaram e levaram à desconfiança da população na democracia e nas suas instituições. Ademais, as pessoas estão cansadas de viver às custas de políticas que apenas perpetuam sua condição de miséria e não as estimule a melhorar de vida. Elas não se contentam somente com programas assistenciais, como o Bolsa Família, mas almejam a criação de empregos (OLIVETTO, 2018), que são o caminho para uma sociedade mais justa e igualitária.

Com base nisso, observa-se a existência de muitos motivos que levaram as pessoas a perder a ilusão na democracia, dentre os quais podemos citar a queda na qualidade de vida, a marginalização das massas, o aumento nos índices de desemprego e a falta de justiça. A fragilidade da democracia ainda é alimentada pelo fracasso das instituições, cujos deveres são, por exemplo, garantir a igualdade entre os cidadãos e aplicar políticas de interesse geral, mas que são suprimidas pelo interesse de alguns grupos. Isso contribui para diminuir a esperança da população em ver suas crenças e valores, com relação à democracia, fortalecidos.

Não obstante, enquanto o fortalecimento da democracia inercial for mantido, não será possível haver maiores investimentos no campo social que resultem em uma eficaz quebra da assimetria como destacada por Baquero (2018). Já Bolsonaro, na época em que era pré-candidato à Presidência da República, se dizia totalmente comprometido com a democracia, grato por ela lhe permitir estar onde chegou (SAFATLE, 2018). Portanto, talvez a questão central não seja mais defender ou não a democracia, mas garantir que, seja qual for o sistema político que vigore, a última coisa que ele possua seja a inércia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAQUERO, M. Cultura Política Participativa e Desconsolidação Democrática: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. **São Paulo em Perspectiva**, vol.15, n. 4, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000400011>. Acesso em: 02 jan. 2020.

BAQUERO, M., de Moraes, J. A. Desigualdade e democracia na América Latina: o papel da inércia na construção de uma cultura política democrática. In: **1º Seminário Internacional de Ciência Política: “Estado e democracia em mudança no século XXI”**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, set. 2015, pp. 1-22. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/BAQUERO-Marcello-e-MORAIS-Jennifer.pdf>. Aces-

so em: 02 jan. 2020.

BAQUERO, M.; RANINCHESKI, S.; CASTRO, H. C. de O. de. The political formation of Brazil and the process of the inertial democracy. **Cuadernos Iberoamericanos**, vol. 14, n. 4, p. 40-57, 2016. Disponível em: <https://cuadernos.mgimo.ru/jour/issue/viewFile/23/4#page=40>. Acesso em: 02 jan. 2020.

Cai apoio à democracia no Brasil, mostra Datafolha. **Deutsche Welle**, 01/01/2020. Disponível em: <https://p.dw.com/p/3VZOj>. Acesso em: 03 jan. 2020.

OLIVETO, P., 2018. Contra a corrupção, periferia troca de lado. **Correio brasileiro**, n. 20224, 04/10/2018. Política, p. 2. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/554991/noticia.html?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 jan. 2020.

PEREIRA, L. C. B. Ideologias econômicas e democracia no Brasil. **Estudos Avançados**, vol. 3, n. 6, 1989. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200004>. Acesso em: 02 jan. 2020.

SAFATLE, C. 2018. Bolsonaro diz ter ‘total compromisso’ com democracia. **Valor Econômico**, v. 19, n. 4499, maio de 2018. Política, p.A8. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/coluna/bolsonaro-diz-ter-total-compromisso-com-democracia.ghtml>. Acesso em: 03 jan. 2020.

TELLES, H. Corrupção, antipetismo e nova direita: elementos da crise político-institucional. **GV-Executivo**, vol. 14, n. 2, 2015, p. 37-39. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12660/gvexec.v14n2.2015.56842>. Acesso em: 03 jan. 2020.

THOMAS Milz, 2020. O que será da democracia brasileira em 2020? **Deutsche Welle**, 01/01/2020. Disponível em: <https://p.dw.com/p/3VYfe>. Acesso em: 03 jan. 2020.